

SALÕES DE PARIS

SALÕES DE PARIS MARCEL PROUST

Tradução

Caroline Fretin de Freitas

Celina Olga de Souza

Apresentação

Guilherme Ignácio da Silva

CARAMBAIA

NOTA DO EDITOR *Proust jornalista*

APRESENTAÇÃO *Guilherme Ignácio da Silva*

Um salão histórico. O salão de S. A. I. a princesa Mathilde

LE FIGARO, 25 DE FEVEREIRO DE 1903

O pátio dos lilases e o ateliê das rosas.

O salão da sra. Madeleine Lemaire

LE FIGARO, 11 DE MAIO DE 1903

O salão da princesa Édmond de Polignac.

Música de hoje. Ecos do passado

LE FIGARO, 6 DE SETEMBRO DE 1903

O salão da condessa d'Haussonville

LE FIGARO, 4 DE JANEIRO DE 1904

O salão da condessa Potocka

LE FIGARO, 13 DE MAIO DE 1904

A condessa de Guerne

LE FIGARO, 7 DE MAIO DE 1905

Sentimentos filiais de um parricida

LE FIGARO, 1º DE FEVEREIRO DE 1907

Dias de leitura

LE FIGARO, 20 DE MARÇO DE 1907

Uma avó

LE FIGARO, 23 DE JULHO DE 1907

Gustave de Borda

LE FIGARO, 26 DE DEZEMBRO DE 1907

*A chegada da primavera, pilriteiros brancos,
pilriteiros cor-de-rosa*

LE FIGARO, 21 DE MARÇO DE 1912

Raio de sol na sacada

LE FIGARO, 4 DE JUNHO DE 1912

Igreja de vilarejo

LE FIGARO, 3 DE SETEMBRO DE 1912

Férias de Páscoa

LE FIGARO, 25 DE MARÇO DE 1913

Festa literária em Versalhes

LE GAULOIS, 31 DE MAIO DE 1894

A moda

LE MENSUEL, DEZEMBRO DE 1890

A moda

LE MENSUEL, MARÇO DE 1891

Impressões dos salões

LE MENSUEL, MAIO DE 1891

Coisas normandas

LE MENSUEL, SETEMBRO DE 1891

Lembrança

LE MENSUEL, SETEMBRO DE 1891

Perfil de artista

REVUE D'ART DRAMATIQUE, JANEIRO DE 1897

Contra a obscuridade

REVUE BLANCHE, 15 DE JULHO DE 1896

Proust jornalista

Antes de se tornar o autor consagrado de *Em busca do tempo perdido*, Marcel Proust, como tantos escritores de sua época, passou pelo jornalismo. Foi nos periódicos franceses que publicou seus primeiros textos: crônicas em que descreve os salões parisienses – espécies de saraus literários e musicais frequentados por aristocratas e gente da alta sociedade da época –, críticas de moda, arte e literatura e textos inspirados na atualidade política e até policial.

Este volume apresenta 21 crônicas publicadas por Proust na imprensa francesa, principalmente no jornal *Le Figaro*, mas também em periódicos de curta duração como o *Le Mensuel* (que circulou entre outubro de 1890 e setembro de 1891) ou revistas especializadas, como a *Revue d'Art Dramatique* (1886-1909) ou a *Revue Blanche* (1889-1903).

Várias das crônicas presentes neste livro permaneceram inéditas, sem publicação posterior à sua aparição na imprensa. Como era usual no jornalismo do século XIX, alguns desses textos foram assinados por pseudônimos, hoje identificados por especialistas na obra do autor como sendo efetivamente de Proust. Nesta edição, mantivemos as assinaturas originais.

*Apresentação com esboço de cronologia proustiana*¹

I. ARTIGOS NO FIGARO

O presente volume reúne alguns textos que Marcel Proust publicou em jornais e revistas. Abrangendo um período de mais de vinte anos, esses textos podem ser classificados em quatro grupos: 1) textos de juventude, publicados em revistas pelo iniciante Marcel, aluno egresso do liceu Condorcet; 2) crônicas mundanas, escritas pelo jovem de ambições literárias que adentrava alguns salões parisienses do fim do século XIX; 3) textos que antecedem em muito pouco o trabalho de criação de *Em busca do tempo perdido*; e 4) textos produzidos durante o intenso trabalho de criação do romance.

Entre as crônicas que precedem em pouco o início do trabalho de criação do que se tornaria um romance, destacam-se “Sentimentos filiais de um parricida” e “Dias de leitura”. Veiculado em fevereiro de 1907 pelo *Figaro*, “Sentimentos filiais de um parricida” trata de um caso de assassinato da mãe por um filho e desenvolve um tema central do romance vindouro –

1 Guilherme Ignácio da Silva, professor de Literatura Francesa na Universidade Federal de São Paulo, tem mestrado e doutorado sobre a obra de Marcel Proust e é membro do projeto internacional Brépols/Bibliothèque Nationale de France de edição crítica dos cadernos manuscritos do autor.

a relação entre as gerações baseada numa forma de amor que não exclui o sadismo e a profanação dos pais. No romance, a profanação dos pais e familiares terá como exemplo inicial a cena das lésbicas que, depois de encenar a profanação do pai músico, recuperarão juntas o manuscrito de uma obra que permitirá ao narrador proustiano formular a própria essência da arte e lhe dará a certeza da eternidade da alma individual: em Proust, moral e arte nunca andarão juntas.

Já “Dias de leitura”, que saiu um mês depois no mesmo jornal, trata da noção muito particular do ato de leitura para Proust: totalmente desintelectualizado – e muito além das restrições da mera “inteligência” de um Sainte-Beuve² –, o ato de leitura estaria ligado às sensações despertadas pelo texto em conexão com as sensações experimentadas no próprio ambiente em que a leitura se dá. Virá daí a valorização de um livro não por seu valor intrínseco, como *François le champi*, de George Sand, que, encontrado por acaso na biblioteca do príncipe de Guermantes, é o livro mais importante da vida do herói proustiano por ter lhe revelado a “essência do romance” e do “tempo redescoberto”: “Não era entretanto um livro extraordinário, era *François le champi*, mas

2 Charles-Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), escritor e crítico literário francês cujas opiniões foram contestadas por Proust. Uma coletânea de críticas literárias assinadas por Proust foi editada com o título *Contra Sainte-Beuve* (postumamente, em 1954).

esse nome, como o de Guermantes, não se confundia para mim com os que depois aprendi”.³

Já as crônicas publicadas durante o período de criação de *Em busca do tempo perdido* reproduzem por vezes trechos inteiros do romance; mas a quantidade de variantes é tamanha que nos faz duvidar da possibilidade de edição de uma espécie de “obra completa” de Marcel Proust.

A maioria das crônicas aqui reunidas apareceu nas páginas do jornal *Le Figaro*. Isso explica em parte o fato de a primeira edição de *No caminho de Swann* (1913) trazer dedicatória ao diretor desse jornal: “Ao sr. Gaston Calmette, como um testemunho de profunda e afetuosa gratidão – Marcel Proust”.

Mesmo tendo recusado editar o romance proustiano, Calmette acolhera em seu jornal muitos outros textos do escritor. Além das crônicas, o *Figaro* ainda veicularia a extraordinária série de pastiches de Proust. Uma antecipação desses pastiches (e prova do talento ímpar de Marcel para a imitação) é a abertura da crônica sobre o salão de Madeleine Lemaire, que já se inicia com o pastiche de um romance de Balzac: “Balzac, caso vivesse hoje, poderia ter começado um conto nestes termos”.

Periódico consultado pela sociedade elegante, além do noticiário político, o *Figaro* trazia resenhas de recepções mundanas, com extensa lista dos convidados mais ilustres. A marquesa de Villeparisis,

3 Marcel Proust, *O tempo redescoberto*, trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2013, p. 175.

membro da antiga nobreza que, por circunstâncias que o narrador proustiano gostaria de investigar, foi sendo excluída das recepções mais elegantes, se mostrou certa vez indignada com o que havia lido ultimamente no *Figaro*: “No *Figaro* estão dizendo que ele jantou ontem no salão da princesa de Sagan, já que agora colocam essas coisas no jornal”.⁴

A marquesa talvez não apreciasse as resenhas que o jovem Marcel Proust, originário de uma burguesia enriquecida, recém-chegado à “alta sociedade” (o *grand monde*), inseriu no *Figaro*: nessas resenhas, Marcel se exercitaria literariamente no elogio de alguns salões que o haviam acolhido como um jovem muito cortês de talento promissor.

Procedimento tipicamente proustiano, na obra *Em busca do tempo perdido*, o fato de enviar um texto para o jornal dirigido por Gaston Calmette acaba se tornando elemento ficcional, e o herói aguarda durante centenas de páginas a inserção de uma de suas crônicas no jornal: “Eu chamava Françoise. Abria o *Figaro*. Procurava e verificava que lá não vinha um artigo, ou coisa com pretensão a tal, que eu enviara àquele jornal [...]”.

Meses mais tarde, ainda durante o cativeiro de sua “prisoneira”, Marcel continua procurando o artigo que devia aparecer no jornal: “Françoise trouxe-me o *Figaro*. Passei os olhos nele e vi logo que meu artigo não tinha saído ainda”.⁵

4 Marcel Proust. *Cahier 31*, fólio 55r^o. Disponível para consulta no site da Bibliothèque Nationale de France, gallica.fr, sob o registro NAF 16671.

5 Marcel Proust. *A prisoneira*, trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. São Paulo: Globo, 2011, p. 35 e p. 170.

Só muito mais tarde, depois da fuga e da morte precoce de Albertine, e quando já não espera pela edição de seu texto, o herói se depara com o artigo enviado há muito ao jornal:

*Abri o Figaro. Que tédio! Justamente o artigo principal tinha o mesmo título do que eu mandara e não fora publicado, e não era só o título... Aqui estão algumas palavras absolutamente iguais. Era demais. Eu protestaria. [...] Mas não eram só algumas palavras, era tudo, era a minha assinatura. Era o meu artigo que enfim aparecera!*⁶

Na verdade, muito antes de vir a integrar cenas do próprio romance, o envio de um artigo para o *Figaro* está na origem do que viria a se tornar *Em busca do tempo perdido*. No inverno de 1908-1909, Proust passava a trabalhar num projeto contra as ideias do crítico Sainte-Beuve. Em vez de criar um texto dogmático (mero exercício de “inteligência”), Proust recorreria à cena do despertar e da esperança de ler no jornal o texto enviado havia muito tempo:

Ficava pensando em um artigo que havia enviado já há muito tempo ao Figaro, tinha até mesmo corrigido as provas de edição, depois tinha esperado

6 Marcel Proust. *A fugitiva*, trad. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012, p. 196.